

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE E CINCO)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Junho 2021

ÍNDICE

FALANDO À TERRA.....	03
A CANÇÃO DO DESTINOSMO.....	06
FALANDO À TERRA.....	08
A CANÇÃO DO DESTINOSMO.....	08
HIPNOTISMO.....	13
QUANDO EU ERA VIVO.....	20
A GÊNESE.....	24

Falando à Terra

Francisco Cândido Xavier

REMINISCÊNCIAS (Cap. III página 21)

O Brasil republicano vagia entre as faixas do berço, quando conheci Manuel Ramos, nome pelo qual designa- (rei um amigo obscuro, que abracei pela primeira vez no curso de breve contenda com portugueses ilustres, a propósito de Floriano.

Comentávamos desfavoravelmente as atitudes cordiais do embaixador Camelo Lampreia, que primava pelo bom-senso, na conciliação dos elementos exaltados, ante os atos do Consolidador, quando um amigo brasileiro, justamente indignado, se prepara a revide de enormes proporções, de punhos cerrados e carantonha sombria. Assustado, procurava eu apartar os contendores, quando surge o Manuel, com a carcaça de um touro e com a alma de anjo, evitando o pugilato.

Conteve os antagonistas, qual se fora um gladiador romano, habituado ao manejo de feras, e eu, tomado de simpatia, ofereci-lhe a mão, em sinal de reconhecimento, quando os ânimos irritados possibilitaram a conversa pacífica.

No amplexo amistoso, porém, observei que Manuel não era servidor comum, que se contentasse com a gorjeta ou com o elogio fácil.

Surpreendeu-me com o seu olhar indagador, a fixar--me insistentemente.

E quando preparei, intencional, as frases da despedida, o musculoso interventor da rixa inesperada me falou, sem preâmbulos:

— Doutor Medeiros, poderá conceder-me uma palavrinha?

Quem não anuiria em ocasião como aquela? O rapaz, contudo, foi breve. Biografou-se com simplicidade, através de informes curtos e francos.

Era empregado na cozinha de portugueses acolhedores, que o faziam encarregado da bacalhoadada acessível à numerosa freguesia, em atividade regular no porto. Fluminense de origem, buscara o Rio com o sonho maravilhoso de todos os moços pobres do interior, que imaginam na metrópole o Eldorado das miragens de Orellana. Não conseguira, entretanto, senão a colocação humilde, em casa de pasto, embora vivesse de livro às mãos.

Estudava, estudava, mas... — salientava, desalentado — a sorte lhe fora incrivelmente adversa. Onerado de compromissos, na órbita da família, vira o pai morrer, quase sem recursos, minado pela peste branca, e presenciara a loucura de sua mãe, desvairada de dor sobre o cadáver do companheiro e mais tarde internada, com ficha de indigente, em hospício da Capital. Sobravam-lhe, ainda, quatro irmãs para cuidar.

Ganhava pouco e mal conseguia atender ao constante dreno doméstico. Agrupou em palavras rápidas e respeitosa diversas questões pequeninas que lhe apoquentavam a mente, detendo-se, porém, no caso materno, com minudências curiosas a lhe revelarem a grandeza do sentimento afetivo; e, por fim, imprimindo significativa reverência ao timbre de voz, pediu-me conselho, asseverando-se informado quanto aos meus estudos de magnetismo.

Não poderia, de minha parte, prestar-lhe socorro?

Reparando, talvez, a ponta de sarcasmo que me assomou ao sorriso de gozador impenitente, consertou o passo, acentuando que, se me não fosse possível a visita direta ao internato, a fim de

aliviar-lhe a genitora doente, esperava que eu lhe desse, pelo menos, algumas noções alusivas ao assunto.

Ante a sinceridade cristalina e a beleza do devotamento filial que ele aparentava, por pouco lhe não pedi desculpas pela ironia silenciosa de momentos antes, e assenti.

Realmente, expliquei, não me confiava a experiências do teor daquela que me solicitava, mas dispunha de literatura valiosa e aproveitável.

Ceder-lhe-ia com prazer o material que desejasse.

Combinamos o encontro para o dia seguinte.

Apareceu Manuel, pontualmente, à entrevista, ouvindo-me, atencioso, como se ele estivesse à escuta de informações relativas a tesouros ocultos.

Acreditando falar muito mais comigo mesmo, recordei, para começar, a figura de Mesmer. Manuel, contudo, não se mostrou leigo no assunto. Frederico Mesmer era para ele velho conhecido. Reportou-se, de modo simples, às leituras em francês a que se consagrava cada noite, em companhia de anônimo poliglota do subúrbio, e referiu-se à clínica do grande magnetizador na *Place Vendôme*, qual se houvera morado em Paris ao tempo de Luís XVI. Sabia quantos reveses o valoroso professor havia sofrido para provar as novidades científicas de que se sentia portador. O rapaz chegava a conhecer o texto do voto vencido, com o qual De Jussieu (*), o fundador da botânica moderna, se revelava o único amigo da verdade, na comissão indicada pela Sociedade Real de Medicina, a fim de apurar a realidade dos fenômenos magnéticos.

Agradavelmente surpreendido, senti-me à vontade no comentário aberto.

Recordei De Puységur, anotando-lhe os experimentos preciosos, quando, mordiscado de curiosidade, passeava no salão a gritar, inquieto, para os ouvidos de seus pacientes: — *“Dorme! Dorme!”*

E, num desfile de impressões do brasileiro que vive de frente para a Europa, falei-lhe de Braid, de Liébeault, Bernheim e Charcot, especificando as características das escolas de Nancy e de Paris.

Alinhei minhas próprias observações, e Manuel, então silencioso, me assinalava as palavras como se fora deslumbrado e ditoso devoto à frente de um semideus.

Recolheu, contente, a copiosa literatura em português e francês que lhe pus nas mãos ávidas e partiu.

De quando em quando me procurava, gentil, em visitas apressadas, a que, por minha vez, não prestava maior atenção.

A vida abriu-me caminho, por outros rumos, no seio do matagal humano, e, à maneira do seixo que rola para o mar, impulsionado pelos detritos que descem da serra, a golpes irresistíveis da enxurrada grossa, ao invés de seguir no curso de águas pacíficas, avancei no tempo, através de peripécias mil, na política e na imprensa, incapaz de erguer-me à esfera transcendente das cogitações religiosas.

Quando, em 1916, voltei da Europa com largo programa de serviço pró-adesão do Brasil aos Aliados, na culminância da batalha jornalística, eis que me aparece o Manuel, em pleno escritório, num singular extravasamento de alegria.

Forçara portas e afrontara auxiliares neurastênicos para ver-me e apertar-me nos braços.

— Doutor Medeiros! Doutor Medeiros! Enfim!... - clamava, ofegante — há quanto tempo, meu Deus! há quanto tempo!...

Respondi-lhe ao abraço, com um sorriso forçado, porque nesse mesmo instante deveria avistar-me com Lauro Müller, a respeito de solenes decisões na campanha popular desencadeada.

Desejei provocar a retirada do importuno, que deixava transparecer nas bochechas de quarentão maduro aquela mesma alegria robusta do tempo de Floriano.

A conversação dele fazia-se absolutamente imprópria, a meu ver, em semelhante ocasião; entretanto, Manuel não me ofereceu qualquer oportunidade de censura cordial ao seu procedimento.

Eufórico, palavroso, desaparefuzou a língua e narrou êxitos sobre êxitos.

O magnetismo desvendara-lhe estradas novas. Conseguira milagres. Mantinha correspondência ativa com estudiosos ilustres da França. Apresentava, garboso, conclusões próprias acerca do desdobramento da personalidade. Enfileirava apontamentos especiais sobre o sistema nervoso. Engalanava-se com dezenas de casos raríssimos de cura, inclusive o da própria genitora que se reequilibrara e ainda vivia.

E acrescentava informes, referentes ao jardim doméstico, sem me oferecer um minuto para qualquer consideração.

Casara-se. Possuía três filhos que pretendia apresentar-me. A esposa e ele acompanhavam, carinhosamente, as minhas páginas em “A Noite”. Convidava-me a visitar- -lhe a família, quando chega ao recinto o ex-ministro, fitando-me com assombro, como se me surpreendesse na companhia de um louco.

O antigo quituteiro do restaurante português não se deu por achado ouvindo declinar o nome do respeitável político. Iluminaram-se lhe os olhos, cobrou ânimo novo e, sem mais nem menos, recomendou-nos frequência assídua às sessões espíritas a que se dedicava nas noites de terças e sextas-feiras, junto de amigos e estudantes do Evangelho, encarecendo a necessidade de homens espiritualizados na administração do País. Reportou-se a Bittencourt Sampaio com frases quentes de aplauso. Sacou do bolso, que denotava prolongada ausência da lavanderia, seboso maço de papéis e leu, em voz estentórica, a primeira mensagem de Bezerra de Menezes, no “Grupo Ismael”, através do médium Frederico Júnior, e, longe de parar, abriu diante de nós maltratado volume do Novo Testamento, combinando a leitura de alguns textos com as páginas de Allan Kardec, ao mesmo tempo que indagava de minhas impressões acerca da Casa dos Espíritas, em Paris.

Mastiguei uma resposta qualquer, e Manuel, absolutamente incapaz de entender a minha inadaptação às verdades de que se fizera pregoeiro, continuou exaltando os imperativos de renúncia e de sacrifício para nós ambos, como se fora trovejante doutrinador em praça pública.

E quando se inclinava ao comentário de reencarnações passadas, afirmando ter vivido ao tempo de Gengis Khãn, mal sopitando a vergonha que aquela intimidade me provocava, recomendei-lhe silêncio em tom autoritário e descortês.

O pobre amigo empalideceu e, enquanto o ex-ministro de Venceslau Brás erguia para mim o olhar perscrutador, informei, implacável, indicando Manuel estarecido:

- Lauro, tenho aqui um ex-empregado requerendo nossos préstimos. Não é má pessoa, mas enlouqueceu de repente. Guarda a mania do espiritismo e eu desejava seus bons ofícios para que o infeliz obtivesse tratamento acessível na Praia Vermelha. Creio que não precisará do Internato em regra, mas não pode prescindir de algum contacto com o hospício.

O grande político levou o caso a sério e respondeu sem hesitar:

— Esteja descansado. Farei por ele quanto possa.

Nunca me esquecerei do olhar humilde que Manuel me dirigiu sem a menor reação, com duas grossas lágrimas, ao despedir-se cabisbaixo, sem mais uma palavra.

Depois, a vida continuou rolando, arrastando-me em seu torvelinho trepidante, mas o meu antigo aprendiz de magnetismo não mais me apareceu no caminho.

Política, jornalismo, aventuras...

Eis, porém, chegado o momento em que meus olhos se turvaram, como que embaciados por espesso véu.

Era o sono, era a morte? que sabia eu?

Compreendia apenas que não era mais possível brincar com a inteligência.

Indefinível pavor do desconhecido me assaltava o coração, afogado em lágrimas que eu não conseguia derramar.

Densa noite envolvera-me de súbito, e eu gritei com toda a força dos pulmões cansados, clamando por enfermagem e socorro, que se me afiguravam distanciados para sempre.

Em que tenebroso lugar minha voz vibraria agora, sem eco? que ouvidos me captariam as lamentações? Por quanto tempo supliquei apoio naquela posição de insegurança?

É inútil formular indagações a que não poderemos responder.

Um instante surgiu, contudo, em que percebi junto de mim prateada luz.

Alguém se aproximava, dando-me a ideia de piedoso visitador, remanescente talvez de São Bernardo, o salvador de viajantes perdidos nas trevas.

Diante do meu deslumbramento, a claridade cresceu, cresceu, e uma voz, que jamais olvidei, saudou alegremente:

— Doutor Medeiros! Doutor Medeiros!...

E o Manuel surgiu fulgurante de rara beleza, ante meus olhos assombrados, estendendo-me os braços fraternos.

Quietou sê-me, então, o raciocínio humano, apagaram sê-me os pruridos da inteligência.

Manuel, aureolado de sublimada luz, era para mim agora um verdadeiro redentor. Confiei-me ao seu carinho, copiando a rendição da criança assustada, que se refugia no seio materno, e uma vida nova começou para mim, somente imaginável por aqueles que sabem sobrepassar ao turbilhão de mentiras humanas, para escutarem, de alguma sorte, a mensagem renovadora dos companheiros que atravessaram a cinzenta e gelada fronteira do túmulo.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

A Canção do Destino

Dolores Bacelar

ENGANARA-SE

Contou-me um amigo, que fora médium conhecido na Terra, a seguinte passagem de sua vida:

Estava ele em seu modesto lar, quando lhe anunciaram a inesperada visita de uma jovem desconhecida. F. L., o meu amigo, foi recebê-la.

Após as apresentações e cumprimentos habituais, a senhora, que era exuberante de viço e mocidade, sem mais preâmbulos externou, com cândida simplicidade, o motivo de estar ali: lera, poucos dias antes, um livro psicografado por F. L., e achara um encanto poder alguém escrever tão substanciais e lindas coisas, sem despender o mínimo esforço. E resolvera ser médium, receber espíritos. Devia ser muito “chic” ver o nome encabeçando um livro. Procurara, por isso, um amigo comum e este a enviara gentilmente a F. L.. Eis tudo que desejava: ser médium.

— Conhece a Doutrina espírita? — perguntou-lhe, interessado, o meu amigo.

- Não — respondeu ela.
- E o Evangelho?
- Também não . . .
- E já notou em seu íntimo alguma demonstração

mediúnica?

- Nada de nada ...

F. L. explicou, com toda a paciência:

— Todos nós temos uma parcela de mediunidade. Porém, como acontece na Arte, em geral, nem todos a possuem em grande quantidade. Nascemos médiuns, como nascemos pintores, músicos, etc. Essa parcela que todos nós possuímos, pode e deve ser aperfeiçoada em suas tendências manifestas. Mas não temos o grau de mediunidade que desejamos — este nos vem do berço.

- Então, se todos são médiuns, também eu devo ser — exultou a jovem.

— Certamente.

- E devo ter um Guia orientador, não?

— Sim ...

— Que bom ! Quero, quanto antes, receber Espíritos. Dizem que os médiuns podem curar, prever o futuro, afastar malefícios... É verdade?

— É ... Às vezes, eles, por intermédio de seus Mentores espirituais, recebem essas graças. . .

- Que devo fazer, então, para receber esses dons?

— Primeiro, aprender a sofrer sem revoltas...

— Sofrer? — estranhou ela.

— Sim; e amar muito os nossos semelhantes. Ser paciente, humilde, sem ambições nem vaidades.. . Nada desejar para si . . .

— Espere aí — tornou ela, intrigada. — Então, vou ter um Espírito à minha disposição e não lhe exigirei nada para mim? Isto é que não !

— Mas.. .

— Mas, o “quê”, senhor F. L.? Não me venha dizer que eles, os Espíritos, não facilitam tudo aos médiuns ... Já tenho um montão de pedidos ! Que economia não deve fazer o senhor com médicos e outras coisas mais, hein?

— Pelo contrário ! Ai de minha colite se não fosse o bondoso de meu facultativo .. .

— Mas, e os Espíritos?

— Receitam-me bons remédios, porém sabem eles que devo sofrer as consequências de erros passados e, por isso, nem eles nem os bons médicos podem curar a minha colite. Amenizam-na, apenas.

— Hum ... — fez ela, pensativa.

E após um silêncio todo gasto em observar a modesta sala de F. L., a jovem candidata à mediunidade perguntou:

— Noto que o senhor não é rico . . . Bem que o seu Guia lhe poderia aumentar o capital, arranjando-lhe um rendoso emprego . . . Por que não o faz? . . .

— Talvez pudesse fazê-lo, mas é que já fui rico em outras vidas, porém muito perdulário . . . Em vez de dar-me fortuna, ele me aconselha a tirar da pobreza melhor proveito para a minha alma imperfeita, da qual tanto descuidei quando em áurea situação material. Os conselhos que ele me transmite são mais preciosos para mim do que todo o ouro da Terra, creia-me . . .

— Acho este seu ponto de vista muito pouco prático . . . Pelo menos os sofrimentos

morais que nos torturam tanto, como as incompreensões, calúnias, ingratidões, injustiças, humilhações, eles nos evitam?

– Não. Sabem os Espíritos, por experiência própria, que esses sofrimentos são necessários à nossa evolução.

– Ora ! Para que ser médium, então? Em nada nos diminui o sofrimento, padecemos do mesmo jeito . . .

– Mais ainda. Os médiuns, todos eles, carregam pesadas cruces ... Se nos revoltarmos, afastaremos os Cirineus e as Verônicas do Espaço que tanto nos confortam nos Calvários da Terra.

– Acho, senhor F. L., que me enganei redondamente . . . Não quero ser médium ! - exclamou a jovem, levantando-se.

– Como queira, senhorita. Já vai partir?

– Sim. Muito obrigada . . . Adeus.

E nunca mais F.L. a viu. Perdera-se no turbilhão da Vida.

Medeiros e Albuquerque

Falando à Terra

Francisco Cândido Xavier

Medeiros e Albuquerque

Súmula Biográfica dos autores página 234

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de (1934) — Pernambuco de talento multiforme. Poeta, contista, novelista e crítico. Brilhante jornalista e **conferencista**. Membro fundador da Academia Brasileira do **Letras**. Autor de preciosa bagagem literária

A Canção do Destino

Dolores Bacelar

INSTANTÂNEOS

Aquele magistrado era o mais severo dos juízes. Não havia em sua alma piedade para o crime. Era inútil apelar para os seus sentimentos humanitários. Condenava o culpado sem procurar uma atenuante, uma razão qualquer, e condenava-o sempre à pena máxima. Era implacável em sua justiça.

Diziam que na mocidade não fora um exemplo de virtude, embora nenhum crime ou falta grave tivesse cometido contra a sociedade. Abusara, apenas, dos prazeres comuns a certos jovens: mulheres, bebidas

Porém, extinta a chama das aventuras fáceis, criara juízo e, depois de casado, dedicara-se à magistratura, nesta atingindo logo posição de destaque, graças à severidade demonstrada ao combater o crime em todas as suas modalidades.

Roubo, assassinio, meretrício, malandragem, não encontravam nele nenhuma atenuante. Era o terror dos que se assentavam na cadeira de réu.

Certa vez, julgava uma pobre mulher acusada de meretrício e assassinato. Matara um dos amantes que, segundo ela, a explorava.

O promotor pedia para a infeliz a pena máxima. Porém, a defesa exigia a absolvição, desenvolvendo a seguinte tese: A meretriz é uma vítima dos homens. Quem deveria estar no banco dos réus, não era aquela desgraçada, dizia o advogado, e sim quem lhe roubara a inocência, atirando-a à prostituição.

E no calor da defesa, perguntara à criminosa, que chorava:

— Mulher, quem te infelicitou, iludindo-te com promessas mentirosas?

E a pobre, com esse destemor de quem já se sabe desgraçado, respondeu:

— Foi aquele juiz ali, há muito tempo, doutor.

★

★ ★

O homem rico e poderoso estava condenado pelo câncer. O seu ouro não lhe pudera comprar saúde.

Apegado à Vida, desesperava.

Gastara uma fortuna com médicos, e até mesmo com charlatães. Mas ninguém pôde sanar o mal que o ferira.

Sentia-se morrer dia a dia, presa de inconformação e angústia. Não queria deixar a vida que lhe proporcionara sempre todos os seus bens preciosos: família, fortuna, poder.

Certa vez defrontou-se com um miserável homem da rua, que sofria do mesmo mal. Batera este à sua porta, pedindo auxílio para comprar remédios e alimento, alegando estar condenado pelo câncer. Era um homenzinho de aspecto humilde. Em seu rosto pálido e descarnado viam-se os sinais da doença que lhe consumia o organismo. Eram os mesmos sinais existentes no rosto do enfermo rico.

Disse-lhe então, após fazê-lo entrar em seu quarto:

— Estás, como eu, condenado pelo câncer?

— Sim, é o que afirmam os médicos — respondeu o homenzinho.

— E não te revoltas?

— Não adiantaria . . .

— Como não adiantaria? — perguntou o enfermo rico. A revolta é a forma natural de protesto contra as injustiças do Destino. Revolto-me ! Por que tenho de morrer se a vida me sorri? ... Vês esta casa?

— Sim — disse o mendigo. — É um belo palácio.

— Pois igual a este tenho mais cinco, e imensas terras cultivadas e grandes pastagens. Sou acionista de muitas minas. E tenho ainda a mais bela família do mundo. Sempre fui feliz ! É fabulosa a minha fortuna em joias e bens. Sou rico, imensamente rico ! Por isso não quero morrer, compreendes?

— Sim — respondeu o mendigo, fitando-o com piedade.

— Tu és muito pobre, parece-me . . .

— Sim, muito pobre. Quando o mal me impossibilitou de trabalhar, não

encontrando vaga nos hospitais fui obrigado a mendigar para o sustento e alguns remédios...

— Tens família?

— Quando ia constituí-la, adoeci ... A noiva abandonou-me por alguém capaz e sadio ... Foi justo.

— E a Vida? — perguntou o milionário enfermo.

— A Vida? !

— Sim, a Vida. Não a amas? Eu me sinto enlouquecer quando penso que vou deixá-la . . . Que fortuna é a Vida ! Ela sempre me sorriu . . Tive tudo, tudo! Que poderei esperar da morte? Nada !... Rouba-me tudo, a maldita ! E tu, por que não choras, se também vais deixá-la, pobre homem?

— Talvez porque a morte nada me rouba ... Se tivesses tudo na Vida, eu espero algum bem na morte.

★

★ ★

Diante da negativa do outro, insistiu:

— Está em tuas mãos salvar-me . . . Quem te conhece? Ninguém ! ... És um simples contínuo . . . Enquanto eu, ocupo posição de destaque na sociedade. Tenho um nome a zelar. Se eu for preso, acusado de desfalque no banco, será um escândalo ! Porém tu, assumindo a responsabilidade de meu crime, nada tens a perder. Sou rico, dividirei contigo toda a minha fortuna, prometo-te. Anda! Decide-te !...

— Não preciso do teu ouro — respondeu o outro. — Sou mais rico do que tu.

— Mais rico ? Fazes-me rir... Onde escondes o teu tesouro? Nesta miserável choupana caindo aos pedaços? Vamos, “milionário”, mostra-me o teu ouro ...

— Sim. Nesta casa miserável, disseste bem, abrigo o meu tesouro, guardo-o sob estas vestes rotas...

— Como ? ! Estás louco ?

— Não. O meu tesouro está aqui, dentro deste peito — chama-se honestidade.

★

★ ★

Ao deixar, à tarde, a casa de uma de suas amantes — tinha três — voltou ao lar, trazendo no rosto a máscara do sempre exigente e severo chefe de família.

Para a esposa ele reservava apenas palavras ásperas, críticas, ou silêncios pesados e longos.

As doces frases, os elogios galantes, foram-se com o casamento ... Amabilidades e carinhos, essas pequeninas delicadezas que alimentam o amor, guardava-os para as três amantes e para outras mulheres com quem convivia no trabalho ou na sociedade. Para essas, era um perfeito cavalheiro...

Naquela tarde, ao entrar em casa, surpreendeu a esposa nos braços de outro. Num ímpeto de ódio e orgulho ultrajado, matou a ambos. Preso, foi absolvido por ter, apenas, defendido a própria honra.

Uma das amantes festejou lhe a liberdade com magnífica festa, à qual compareceram todos os amigos e admiradores.

No dia seguinte, os cronistas sociais diziam dele: “Ao espoucar da “champagne”, via-se em seu rosto a dor de um homem inocente, ferido pela fatalidade



Fazia todos os negócios escusos com tamanha naturalidade como se estivesse rezando o “Pai Nosso”.

Traficava com entorpecentes e qualquer espécie de contrabando como se praticasse a coisa mais honesta do mundo. Para a sua acomodaticia consciência, qualquer negócio era lícito, desde que lhe rendesse lucro.

Os vizinhos faziam questão de sua amizade, atraídos por seu aspecto de homem justo e bom. Apenas — comentavam — era severo, dessa severidade tão própria a “certos honestos”.

Um dia percebeu que algum malandro estava furtando-lhe o pão, que o padeiro deixava à porta toda manhã.

Não descansou enquanto não surpreendeu o autor dos furtos. O “criminoso” era um quase menino, aparentava quinze anos.

Colhido em flagrante, suplicou perdão, chorou, mas nada conseguiu do severo homem.

Com ares de Catão, segurava ele o rapazola, e só o largou para entregá-lo à polícia, dizendo com incontida indignação:

— Prenda-o, peguei-o em flagrante, o miserável! Tão novo e já é ladrão!



A mulher sustinha o filho nos braços magros, enquanto os outros três seguravam-lhe a saia desbotada, olhando com os olhinhos inocentes o homem que todas as manhãs lhes dava um pouco das sobras do pão velho de sua rica padaria.

Não entendiam o que este dizia à mãezinha deles. Distraíam-se fitando os mostruários repletos de doces, engolindo a água de desejo que lhes chegava às boquinhas famintas de coisas gostosas.

O homem, com ares de benfeitor incompreendido, dizia à mulher:

— Desapareceu-me a lata de lixo, a pequena, onde depositávamos os doces estragados ... Só pode ter sido um de seus filhos. Ensine-os a não serem ingratos com quem lhes mata a fome . . .

— Sim, senhor. . .

— Tome estes pães . . . pode ir embora. Mas que não me roubem mais nada . . .

A mulher guardou os pães duros em pequena sacola e afastou-se, seguida pelos filhos. O mais velho tinha somente cinco anos . . . Um deles pediu pão. Tinham fome. Não haviam comido ainda nada aquela manhã.

A mulher parou. Tomou um dos pães e o repartiu com os filhos. Maquinalmente levou um pedaço à boca. As injustas palavras do homem martelavam-lhe os ouvidos.

Mastigava o pedaço de pão duro, mas este como que crescia em sua boca .. . Quis engoli-lo, mas não pôde. Cuspiu-o fora.

Os filhos, com as boquinhas cheias, fitaram-na surpresos.

O mais velhinho perguntou-lhe, inquieto:

— Tá cholando, mamãe? Papai moleu ôta vez?



- Dá-me um pedacinho deste bolo, mamãe . . . Está tão lindo ! . . .
- Já disse que não. Este bolo é para a festa das pessoas grandes, logo à noite.

Vá brincar. . .

- Mas, mãezinha, queria tanto um pedacinho . . . um só ...
- Que menina desobediente ! Já afirmei que não posso dar ! . . . Não peça mais, senão . . .

A criança afastou-se fazendo beicinho, entristecida.

Na mesma noite, foi ela acometida de um mal súbito, enquanto a mãe recepcionava os amigos.

— A babá veio chamar a senhora para ver a filha que, in- sone agi lava-se febrilmente no leito. Mas a mãe ordenou-lhe, contrariada É manha... Apague a luz do quarto e a faça dormir.

- Mas, senhora...
- Não vê que estou em festa ? !

A empregada retirou-se.

Pela manhã, quando o primeiro raio de sol veio brincar com os seus cabelos louros, morria a menina ante o olhar enlouquecido de sua mãe, ainda ataviada com as galas da noite.

- Crupe — disse o médico, chamado tarde demais.

Vendo a sua boquinha que a asfixia entreabrira, a senhora lembrou-se do bolo que a filha lhe pedira pela manhã. Correu à sala e trouxe um pedaço dos restos que sobraram. E, achegando-o à boquinha da filha, pedia-lhe:

- Come, filhinha, come...

A empregada afastou-a do leito da pequena morta, dizendo-lhe a chorar:

- Agora é tarde, senhora... Ela já não. pode comer.



Fizera um sacrifício, privando-se de alguns cruzeiros, para poder comprar aquela joia com que desejava presentear a sua benfeitora no aniversário desta.

Toda feliz, admirava a joia ainda sobre o balcão.

Era um lindo broche ornado de pedras que, embora falsas, tinham a beleza da arte de quem as lapidara.

A sua benfeitora haveria de gostar... Era tão lindo aquele broche !

À noite, alegre de poder ofertar algo a quem tanto lhe dava, chegou à casa da aniversariante.

Esta agradecia o presente de uma elegante senhora que estava ao seu lado. Interrompeu o que dizia ao vê-la aproximar-se com o embrulhinho que a caixeira da Sloper fizera com esmero.

- É pra presente — prevenira toda orgulhosa.

A benfeitora abriu o embrulhinho de papel de seda azul com florinhas róseas... Olhou o broche que esplendia tanto quanto

as jóias autênticas que usava aquela noite . . . Disfarçou um gesto de pena.

Erguendo o olhar para o olhar que ansiava por um sorriso, disse, com mal disfarçada indiferença:

— Obrigada . . . Quer depositá-lo em cima da cômoda do meu quarto?

E voltando-se para a elegante dama que ainda estava a seu lado, concluiu o elogio que fazia antes:

— Que esmeralda preciosa você me deu, querida. Parece uma lágrima do mar ! ..

A benfeitora era poetisa.

Medeiros e Albuquerque

HIPNOTISMO

Medeiros e Albuquerque

Prefácios do autor para a 1^a, 2^a, 3^a e 4^a edições

Quando, por indicação de um médico amigo, o falecido editor Francisco Alves, pediu-me que escrevesse este livro, eu hesitei algum tempo. Parecia-me um tanto cômico, aparecer como autor de um trabalho de medicina, quando eu não sou, nem médico, nem mesmo curandeiro.

No entanto, penso ter lido o que há de importante em português, em francês, em italiano, em espanhol e em inglês, sobre esta questão.

De 1885 a 1898, fui íntimo amigo de um grupo de estudantes de medicina, em que figuravam Tito Lívio de Castro, Estelita Tapajoz, João Marcolino Fragoso, Oliveira Fausto e Márcio Nery. Estávamos juntos todos os dias, durante várias horas,. Embora não frequentando as aulas da Faculdade, eu conhecia por eles o que aí se passava e quando esses amigos estudavam em comum qualquer assunto, eu assistia, interessado. Com eles fiz, entre outras coisas, um curso particular de História Natural, curso dado pelo professor Goeldi, que, antes de fundar no Pará o seu célebre museu, trabalhou no Rio de Janeiro no Museu Nacional.

Nessa época o hipnotismo estava em moda. Nós todos aprendemos a hipnotizar.

A princípio, eu tive por isso um entusiasmo excessivo. Só me faltava deter os transeuntes na rua para os adormecer. Interessavam-me, então, muito as experiências que se podiam prestar à elucidação de certas questões psicológicas. Nada há, por exemplo, mais eloquente, para mostrar a ilusão do livre arbítrio, do que dar a qualquer paciente uma sugestão hipnótica. Quando ele se dispõe a executá-la, pergunta-se porque o vai fazer e ele garante que é porque quer. Pergunta-se ainda se ele está certo de que poderia fazer outra coisa e de novo ele assegura que é o que ocorre. Desafia-se a que faça a outra coisa. Ele insiste em dizer que se sente perfeitamente capaz de executá-la, mas que não o quer. E, no entanto, toda a sua liberdade não é mais do que a passiva obediência a uma ordem do hipnotizador.

Isso prova admiravelmente como o famoso argumento espiritualista não vale nada.

Passada essa fase de intensa experimentação — intensa e imprudente — eu nunca deixei de ter perto de mim parentes ou conhecidos que não hipnotizasse. Durante esse largo período de mais de trinta anos, não observei milhares de casos, mas observei muitas dezenas. É curioso registrar que alguns dêles eu segui durante muitos anos, com um carinho que não poderia ter qualquer médico, ainda dos mais eminentes, lidando apenas de tempos em tempos com o doente. Fiz mesmo aplicações hipnóticas a circunstâncias da vida nas quais elas não são geralmente empregadas.

Certa vez, em Paris, eu conheci uma mocinha extremamente nervosa e tímida. Muito inteligente, mas muito impressionável. Tendo dado queixa-crime contra certa senhora, de quem não lhe faltavam agravos, receava, entretanto, no dia do julgamento, atrapalhar-se diante das investidas do advogado da parte contrária.

Referindo-me isso, eu a hipnotizei e sugeri-lhe que teria uma calma imperturbável, fossem quais fossem os ataques do advogado que lhe era adverso ou as ciladas que ele lhe armasse. No dia do julgamento, eu a levei hipnotizada, no carro, até à porta da tribuna.

O julgamento correu admiravelmente. A minha paciente revelou mais do que calma: um extraordinário sangue frio irônico. Nada a perturbou.

Quando chegou a ocasião do advogado da defesa, ele começou insinuando que a veemência da acusação do promotor talvez se pudesse explicar por ligações íntimas com a acusadora.

Em uma torpeza. O advogado figurava, porém, entre os príncipes da tribuna francesa e o procurador era pouco conhecido. O grande causídico podia, portanto, ter essas impertinências.

Mas da sua cadeira, fitando-o com um sorriso de ironia, a minha paciente teve esta simples frase:

- Je crois, Maitre, que la fréquentation de votre client vous fait croire qu'il n'y a plus de femmes honnêtes...

O promotor, que não ousara protestar, cobrou coragem e disse com força, em voz bem alta:

- Très bien, Mademoiselle.

E por toda a sala correu um sussurro de aplauso, enquanto o juiz que presidia murmurava sem convicção:

- Attention! Attention!

O advogado ilustre ficou roxo de cólera. Perdeu, de todo, as estribeiras. Meteu literalmente os pés pelas mãos, cada vez mais irritado com o pequeno sorriso de mofa da minha paciente. Embrulhou-se lamentavelmente na argumentação e indispôs contra a sua cliente, todos os juízes. Ela foi, aliás, condenada.

Este episódio, eu só o refiro, não porque tenha nada de extraordinário, mas pelo que teve de pitoresco. Aqui mesmo no Brasil, em 1892 ou 1893, eu dei também a uma aluna que ia fazer exame no Instituto de Música, a calma que em geral lhe faltava. Disse-lhe apenas que responderia sem se perturbar a tudo que conhecesse e confessaria francamente a sua ignorância, quando lhe perguntassem o que não sabia.

O interessante é que os membros da mesa examinadora, todos eles meus amigos, estavam informados do que eu fizera. Apertaram a examinanda — aliás muito medíocre — e procurando atrapalhá-la,

mostraram-se irritados. Nada a perturbou. O pouco que sabia ela disse, serenamente. Aprovaram-na, sem nenhuma injustiça.

Nenhum desses casos é de medicina. Destes não me faltaram — sempre, é inútil dizer, no círculo das minhas relações íntimas. Certa vez, por exemplo, vi que meus filhos brincavam frequentemente com um menino que sofria de um torticolis. O pequeno contava então 14 anos e estava com o torticolis desde os 9. Tinha tentado todos os tratamentos possíveis, sem resultado.

Em cinco minutos o mal desapareceu. Como, porém, o pobrezinho, estava já viciado pela posição defeituosa, dei-lhe durante um mês um torticolis sugestivo muito forte para o lado oposto, a fim de contrabalançar um pouco os vícios de atitude com que estava.

Mais tarde, inteiramente bom, quando ele me via, agitava a cabeça torcendo-a para os dois lados. Era o seu modo de cumprimentar-me.

Nada disto é sublime. Qualquer hipnotizador pode obter esses e melhores resultados. Mas o espantoso é que, quando se pergunta à maioria dos que passam pelas faculdades de medicina, se já viram alguém hipnotizado ou se sabem hipnotizar, respondem quase sempre pela negativa.

Ora, que restrinjam como quiserem a aplicação do hipnotismo, quando ele não sirva senão para curar uma moléstia qualquer ou mesmo suprimir um sintoma doloroso de qualquer moléstia, convém conhecê-lo. De fato, porém, o campo das aplicações hipnóticas é extraordinário.

O descaso pelo hipnotismo tem, entretanto, explicação.

Em primeiro lugar, ele é, em geral, estudado em obras que não são escritas por especialistas. Quando se quer aprender o tratamento de qualquer moléstia, quando se procuram regras para julgar de quaisquer medicações, recorre-se sempre aos que delas fizeram o assunto principal das suas cogitações. Ninguém, por exemplo, irá estudar moléstias do ouvido em referências acidentais que possa haver a elas em livros de obstetrícia... Com o hipnotismo faz-se, no entanto, uma coisa parecida com isso.

Os autores, quase se diria os “empreiteiros” dessas grandes enciclopédias médicas, em que há um volume para cada especialidade, consagram, às vezes, um deles à psicoterapia. À psicoterapia “em grosso”, se assim se pode dizer. O hipnotismo figura aí em meia dúzia de linhas ou, quando muito, em um capítulo, tudo isso escrito, mais por compilação, que por observação pessoal e, às vezes, com uma incompetência admirável.

Por que, entretanto, os médicos recorrem tão pouco a um instrumento de cura tão admirável?

Porque ele tem certas dificuldades de aplicação e aprendizagem. Vários médicos me têm confessado os insucessos, que os levaram a abandonar as tentativas a esse recurso.

Em geral, nos, livros dos grandes hipnólogos dá-se a produção do sono hipnótico como uma coisa facilíssima: basta o médico mandar o doente dormir e ele cai em sonambulismo profundo.

Esses grandes especialistas esquecem que operam, em geral, em hospitais, em clínicas coletivas, onde o exemplo é meio caminho andado. É mesmo, às vezes, o caminho inteiro. Quando, diante de alguém se tem hipnotizado dezenas de pessoas, esse alguém já recebe uma sugestão tão forte que raramente resiste.

Um jovem médico, que tenta aplicar esses processos muito sumários na clínica particular, só a só com o doente, hesitando, não tendo muita confiança em si mesmo, chega facilmente a insucessos, que o desanimam.

Por outro lado, na clínica particular encontram-se casos rebeldes, que necessitam sessões repetidas. O médico, para vencer a resistência, precisaria instituir essas sessões um grande número de vezes. E fá-lo-ia sem saber se chegaria ou não a resultados apreciáveis. Ora, se alguém fosse a um consultório jogar o sério, dez ou vinte vezes, com um médico, sem nenhum êxito, poderia bem supor que o médico o estava explorando. O médico seria o primeiro a sentir-se vexado.

O número dos que precisam dessas aplicações repetidas não é grande. Mas, seja como for, é o suficiente para que muitos médicos hesitem na aplicação de um recurso, que os pode deixar em uma posição constrangedora.

Depois, há a consideração de tempo. Por mais rápida que seja uma sessão de hipnotismo, muito mais rápido é tomar a pena e escrever uma receita... cheia embora dos mais violentos medicamentos, que a sugestão dispensaria. Esses medicamentos nem sempre são inocentes: curam em um ponto e fazem mal em outros...

Tudo isso torna difícil a difusão do hipnotismo.

Evidentemente eu não tenho a ridícula pretensão de remover esses inconvenientes. Por mais grotesco que pareça, penso, entretanto, que a minha prática pode ter algum valor.

Exatamente porque ela tem sido ao mesmo tempo, se assim se pode dizer, contínua e esporádica, durante trinta longos anos, aqui e no estrangeiro, eu me tenho achado, de cada vez, nas condições de um médico, que começasse a hipnotizar. Casos isolados, esparsos, em que uns não conhecem os outros; casos de pessoas, que me pedem para hipnotizá-las sabendo que eu não tenho a mínima pretensão de ser médico ou curandeiro — tudo isso são contra-indicações, são embaraços para alcançar bom êxito. E, no entanto, eu o tenho obtido muitas vezes.

Disso posso falar com serenidade, porque não estou fazendo anúncio e nunca tirei do hipnotismo o menor proveito material. Por outro lado, sempre que consigo qualquer coisa, o que logo me acode é o resultado muito melhor que poderia tirar dessas mesmas práticas qualquer grande médico, desses que as ignoram ou desdenham, quando eu — menos que curandeiro — tanto tenho conseguido!

E é para esse fato que eu queria chamar a atenção de alguns grandes clínicos, deixando que eles me esmassem sob o peso do seu desdém, mas tirassem disso uma lição, dizendo que se até eu — até eu! — podia obter bons resultados, muito melhores eles tirariam.

O que se vai encontrar neste livro não é um tratado de hipnotismo aplicado à medicina. Ser-me-ia fácil fazer uma compilação desse gênero; mas o que eu quis, foi, sobretudo, mostrar como é fácil hipnotizar. Juntei a isso um certo número de conselhos de ordem absolutamente geral.

O hipnotismo, se é um capítulo da medicina, também o é da psicologia. Foi principalmente por ali que ele, ao princípio, me interessou. Depois, quando conheci a psicanálise do professor Freud — médico que está tendo tão vasta difusão nos países de língua alemã e inglesa — achei que, mesmo assim, o hipnotismo guardava a sua superioridade como processo terapêutico.

A psicanálise, que tem mais extraordinárias pretensões, há de ser muito difícil de aclimatar-se entre nós, sobretudo na clínica civil. Ai do médico que nela, fosse levantar as estranhas suspeitas sobre os fatos, a que o professor Freud alude a cada instante.

Em todo caso, da psicanálise eu creio que o hipnotismo pode tirar alguns ensinamentos úteis. E ainda pela psicanálise, se eu me interessei, foi por causa do lado psicológico da questão, porque esse método é o que pretende ir mais longe no que se pode chamar a sondagem do Inconsciente.

Escrevendo este livrinho sem importância, pensei em publicá-lo com um pseudônimo, porque várias vezes tive a impressão de que era ridículo ver o meu nome como autor de um trabalho que trata um pouco de coisas médicas.

Mas por outro lado essa se me afigurou uma solução sem coragem. Lembrei-me mesmo que não foram os médicos que primeiro observaram e demonstraram a utilidade do hipnotismo. O livrinho aí fica, sem valor; mas também sem pretensão. Não ensinará nada a ninguém. Pode, porém, servir para chamar a atenção sobre uma questão que me parece digna de interesse.

Para tornar convincente estas páginas, eu deveria talvez juntar um grande número de casos clínicos. Não me seria difícil fazer essa coletânea. Mas ainda aí o que me deteve foi o escrúpulo de parecer que invadia demais seara alheia.

*É em livros de medicina que os médicos devem ir buscar esses casos. Mas em livros de medicina de médicos que estejam habituados a praticar o hipnotismo e que, portanto, saibam realmente bem o seu ofício. Os trabalhos melhores para esse fim são talvez o de Wetterstrand — *L'Hypnotisme et ses applications a la médecine*, o de Lloyd Tuckey — *Treatment by hypnotism and suggestion* e o de Milnee Bramwell — *Hypnotism: its history, practice and theory*.*

Do penúltimo há uma tradução francesa; mas é da primeira edição inglesa, muito incompleta. A boa edição, atualmente (1919), é a sexta.

Manda a lealdade que chame a atenção para um fato: a observação final sobre aborto e vários trechos deste livro não estavam nele quando foi prefaciado por Miguel Couto e Juliano Moreira.

PARA A SEGUNDA EDIÇÃO

Em pouco mais de três anos, cinco mil exemplares deste livro se esgotaram. O caso podia encher-me de vaidade. Eu via, porém, claramente de onde se originava esse êxito. Por uma parte — a maior — vinha do prefácio do Dr. Miguel Couto. O simples fato de que uma obra médica merecera essa honra a indicava ao estudo. Por outra parte, o sucesso tinha por causa a curiosidade malsã, que se liga a tudo o que diz respeito a hipnotismo e magnetismo, que põem no mesmo plano do ocultismo e do espiritismo.

Assim, a aceitação deste livro não me envaideceu. Acontecia, de mais a mais, que a primeira edição, impressa logo após a guerra, era magrinha, chochinha, de uma aparência francamente antipática. Nunca ou detestei tanto nenhum dos meus livros! Abominava-o.

A edição atual tem uma aparência melhor.

Mas não é só isso. Procurei pô-la inteiramente a par dos últimos progressos científicos. A parte sobre os meios para conseguir o sono hipnótico, está consideravelmente aumentada. E' realmente preciso que o

médico seja um prodígio de incapacidade para, na variedade de processos que enumero, não achar o que convém. Nenhum tem esse direito.

Escrevi capítulos especiais sobre o estado hipnotidal, de Boris Sidis; sobre o sono prolongado; sobre a nova escola de Nancy, que está tendo, sobretudo nos países de língua inglesa, um êxito colossal; sobre a psicanálise de Freud; sobre o famoso Dr. Dubois, de Berna, que graças, em parte a Déjérine, é tomado tão a sério entre nós, enquanto não falta, fora daqui, quem o tenha considerado um charlatão. Tratei à parte a questão das aplicações do hipnotismo; cirurgia, quer para a execução de operações, o que deve ser raro, quer para o preparo ante e post- operatório dos pacientes, preparo que devia fazer-se com grande frequência. Por fim, em apêndices, citei várias indicações do hipnotismo, em doenças correntes.

Os médicos que me perdoem o topete. Não há, porém, que temer a minha gratuita concorrência, porque o pouco que tenho feito de “curandeirismo” foi quase sempre por solicitação dos facultativos amigos e, em todo caso, tão raro e espaçadamente, que não causou, de certo, nenhum prejuízo à ilustre classe... E, de mais, tudo o que escrevi foi compilado de livros, não de escritores leigos como eu, ou fantasistas, mas de grandes cultores da ciência médica.

Como, porém, eu disse no prefácio da primeira edição, há na minha prática de hipnotismo alguma coisa de singular. Embora não tenha nunca sido muito extensa, é, em primeiro lugar muito longe, porque tem mais de 30 anos, e foi durante algum tempo, de um gênero, que é difícil expor ou mesmo imaginar. Passei, de fato, alguns anos ao lado de pessoas que hipnotizava todos os dias, nas circunstâncias mais singulares e imprevistas. Posso talvez dizer, em uma frase extravagante, que, nesse período, “vivi o hipnotismo”, como talvez ninguém o tenha feito.

E’ bem de ver que não estou dando como modelo, o procedimento que então tive e foi, ao contrário, francamente reprovável. Mas ele me permitiu ver de perto certas possibilidades do hipnotismo, a que me causa admiração ouvir contestação. E isso tanto mais quanto estou certo de não possuir nenhum “dom”, nenhuma “força” especial. Aplicava apenas uma técnica, que todos podem aprender e aplicar, pelo menos tão bem como eu.

Mas há, por exemplo, quem ache impossível hipnotizar sem ciência dela uma pessoa adormecida, passando- a do sono normal para o hipnótico. Ora, eu já fiz isso algumas dezenas de vezes. É tudo quanto há de mais simples!

Um dos casos desse gênero em que agi menos recomendavelmente, foi o de uma pessoa, que assim hipnotizei, uma primeira vez, e continuei hipnotizando, durante mais de seis meses, até mesmo em passeios de carro e em teatros, sem que ela jamais desconfiasse que era hipnotizada.

É bom acrescentar que se digo ter agido pouco recomendavelmente, não é porque tenha feito nada de mau à pessoa em questão, a quem frequentemente curei de pequenos incômodos e a quem só dei sugestões excelentes. O que houve de incorreto no meu procedimento, foi apenas não ter pedido licença à paciente, — que aliás, creio eu, ma daria facilmente.

Pierre Janet, disse no seu grande livro sobre as “Meditações Psicológicas” que outrora o censuravam, por achar que o hipnotismo não podia tudo o que dele esperavam seus entusiastas. Hoje, o censuram por achar que o hipnotismo pode muito mais do que supõe a maioria dos médicos. No seu recentíssimo volume (1928) sobre a “Medicina Psicológica”, ele volta a essa afirmação, garantindo que o eclipse do hipnotismo, é um fenômeno passageiro e dentro em breve a sugestão hipnótica readquirirá sua importância.

Exatamente porque o ilustre psicólogo e neurologista francês é dos que mais restrições infundadas criam a esse grande recurso médico, é bom que tal declaração parta de sua pena.

*Aliás, basta observar, o que está acontecendo com a voga formidável da Psicanálise e do método de Coué, sobretudo nos países de língua inglesa, para sentir que esse desenvolvimento intensíssimo da psicoterapia **não** pode deixar de se estender ao hipnotismo.*

— A literatura do hipnotismo e do magnetismo é imensa. Infelizmente é também constituída em grande parte por livros de fãncaria, feitos unicamente para exploração da credulidade pública. Por isso, como eu desejava fazer um livro de ciência, bom ou mau, mas honesto e sério, tive o cuidado de só citar autores científicos e pessoalmente acima de qualquer suspeita. Por isso também pedi aos Drs. Miguel Couto e Juliano Moreira, que me dessem a honra de prefaciar este volume. É bem claro que, com a responsabilidade científica que eles têm, não poderiam, em caso algum, aceder ao meu pedido, se não considerassem este volume um livro de ciência.

O Dr. Juliano Moreira, achou que eu tive frases um pouco ásperas a respeito de Charcot e (provavelmente era a ele a alusão) a respeito do Dr. Dubois, de Berna. Viciado pelo jornalismo político, habituado a polêmicas, eu não fui talvez tão sereno como devia. Mas a minha defesa está nas citações que multipliquei, mostrando como tantos médicos tiveram, para os casos que analisei, frases ainda mais duras que as minhas...

Em todo caso, ficam aqui aos meus dois grandes padrinhos, os maiores agradecimentos.

PARA A TERCEIRA EDIÇÃO

A segunda edição deste livro esgotou-se em poucos meses. O nome do seu segundo padrinho, que juntou ao do primeiro o seu também altíssimo prestígio; as palavras benévolas com que a acolheram grandes autoridades no assunto, como, entre outros, o Dr. Franco da Rocha, que a recomendou aos seus alunos da Faculdade de S. Paulo; a opinião de várias revistas médicas, — tudo contribuiu para o êxito da segunda edição. Faltou-me, porém, durante muito tempo, lazer bastante para preparar esta. E isso, entre outros motivos, porque o favor do público dá ao autor a obrigação de ser cada vez mais consciencioso.

A consulta atenta ao Quartely Cumulative Index to Current Medical Literature permite a quem a pratica sistematicamente, mandando buscar todos os trabalhos aí indicados, manter-se a par do que aparece sôbre qualquer assunto. Como é isso o que eu faço, creio que a presente edição está absolutamente a par do que se tem escrito sôbre o hipnotismo, em todo ou quase todo o mundo.

Na edição atual há numerosos retoques. Escrevi de novo, mais sistematizadamente, o capítulo sôbre processos de hipnotização. Insisti nos que empregam, em casos difíceis, meios químicos. É que eles me parecem representar uma grande vantagem. No dia em que fôr possível utilizar sempre, com segurança, um meio infalível de obter o estado hipnótico, o hipnotismo passará a ser muito mais empregado. Os médicos deixarão de levantar-lhe objeções, que, na minha opinião, traduzem somente, na maior parte dos casos, o medo que têm de fazer fiasco, diante da incerteza dos resultados, que há com os processos correntes.

Quanto a mim, acredito que isso já existe. Quem utilize o processo que o Dr. House emprega para os seus " trabalhos de criminologia, creio que poderá dar sempre a sugestão inicial, depois da qual todas as outras não têm mais dificuldades. E' mesmo de crer que haja uma larga, uma decisiva parte de sugestão nas curas psiquiátricas feitas ou com esse método, pelo Dr. P. R. Vessie e outros, ou pelo método da eterização dos Drs. Claude, Borel e Robin, ou pelo do onirismo barbitúrico do Dr. Emílio Mira.

Mas qualquer destes processos é sempre mais ou menos violento e só deve servir para casos excepcionais, de grandes refratários, em que é preciso agir mesmo contra a vontade do paciente, custe o que custar.

O necessário é achar processos tão bons como esses e, no entanto, mais brandos. Isso já se obtém quase sempre com outros medicamentos (o sonifeno per os, o medicaí, o alonal, etc.), dos quais alguns são eficazes e suaves, embora menos certos e que só têm a desvantagem de pedir algumas horas para dissipar os seus efeitos. O ideal será poder dar um medicamento, que ponha a pessoa no estado mais próprio a poder passar para o sono hipnótico, mas medicamento de que seja possível suprimir instantaneamente todos os efeitos. Creio que já se está perto desse desiderato.

Os meios psicológicos, que são os de uso corrente, não têm nunca o mais leve, o mais pequeno inconveniente ou perigo.

PARA A QUARTA EDIÇÃO

Não me parece que este livro precise de novo prefácio. A apreciação que dele fizeram os Professores Miguel Couto, Juliano Moreira e Franco da Rocha foi tão lisonjeira, que eu só tenho motivos para me envaidecer. Sem dúvida, dois pelo menos desses grandes nomes eram de amigos meus. Todos sentem, porém, que eles não podiam comprometer a sua reputação profissional recomendando um livro charlatanesco e mau, como são frequentemente os que tratam deste assunto.

Para responder, entretanto, mesmo a esta extravagante hipótese, há a apreciação do Prof. Piéron, o grande sucessor de Alfredo Binet, em L'Année Psychologique e o artigo que o Prof. Emílio Mira publicou sobre ele na Revista Médica de Barcelona. Eu não conheço de modo algum o grande cientista espanhol.

Assim, entrego à apreciação do público a quarta edição, corrigida e aumentada.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

QUANDO EU ERA VIVO

Medeiros e Albuquerque

MEMÓRIAS, quem as escreve precisa dizer por que o faz. Há sempre a desconfiança de que o escritor desse gênero literário se julga um personagem importante, que achou útil explicar à posteridade o que foi, para que a lembrança dos seus altos feitos se perpetuasse. É, portanto, um gênero até certo ponto suspeito.

Isso não ocorre nos países de língua inglesa, onde quem quer que leia uma publicação bibliográfica verá quanto é grande o número de autobiografias.

Nos países latinos toma-se ao pé da letra a afirmação de Pascal: *“Le moi est haïssable.”* Flaubert ia tão longe nisso que declarava detestar os romances em que se percebia que alguns episódios eram confidências da vida do autor. E entre nós ninguém ignora como o nosso Machado de Assis detestava os que eram derramados nessas confidências. Ninguém levou mais à risca o preceito: *“Ami, cache ta vie et répands ton esprit.”*

Mas as memórias não se escrevem só por vaidade. Escrevem-se, às vezes, porque os autores têm alguma coisa de que se justificar. Escrevem-se para acusar outras pessoas. Escrevem-se para fazer revelações.

Na nossa literatura há um grande nome que se pode chamar essencialmente

“autobiográfico”. É o de Joaquim Nabuco.

Ele escreveu, primeiro, a biografia do pai — o que era, em última análise, começar a sua autobiografia uma geração antes do respectivo nascimento... Escreveu depois a própria, no livro *A Minha Formação*.

... Nabuco era um homem de grande valor, mas de não menor vaidade. Ou, se não querem o termo vaidade, tomem orgulho: o orgulho de quem sabe o que vale e não se embaraça com modéstias para ser o primeiro a proclamar os próprios méritos... Goethe era assim. Elogiava serenamente o seu gênio e acrescentava não haver nisso imodéstia, porque não fora quem se fizera. Joaquim Nabuco nada tinha de comum com os tolos que recebem os que deles se aproximam desdenhosamente. Pelo contrário! Ninguém mais sedutor, mais afável, mais cativante. Mas da leitura dos seus livros resulta que o Brasil, durante a vida do pai, girou em torno dele. Foi o pai quem fez tudo, quem tudo inspirou. Por fim, Nabuco deixou as cousas tão bem-preparadas (notas, rascunhos, etc.) que o livro sobre ele, assinado pela filha, é talvez mais dele que dela... Muito mais!

Cumpra, entretanto, para ser justo, lembrar que as memórias exageram, em geral, a sensação de que o autor se julga mais importante do que, de fato, é. Dá-se nisso, muitas vezes, uma ilusão. Quem se propõe a escrever memórias, propõe-se a contar o que viu durante a sua vida. Propõe-se portanto a ser sempre o eixo da narrativa. É o mundo visto de um “eu”. Que esse “eu” seja no oceano da vida um barquinho insignificante ou um navio imenso, pouco importa! Ele é sempre o centro do horizonte.

Não creio que ninguém ache nestas memórias qualquer demonstração de vaidade. Excluí delas até a justificação de certas acusações que me fizeram e a que eu poderia responder mais serena, mais calmamente. Pensei apenas em contar fatos que podem despertar a curiosidade, não por mim, mas por outros. Figuro na narração unicamente para lhe dar unidade. Sou, por assim dizer, um centro neutro de agrupamento desses fatos.

Quando se fazem as “camisas” das lâmpadas incandescentes, toma-se um tecido, embebe-se em uma solução de certos sais e deixa-se que seque. Depois levam-no ao fogo, assim embebido dos sais, e ele queima-se inteiramente. Queima-se, desaparece. Mas os sais que impregnaram o tecido resistem, formam corpo e são eles que brilham nas lâmpadas, quando as acendem.

Aqui, pode-se fazer o mesmo. Eu — o meu eu insignificante foi o tecido deste livro. Saturai-o de fatos. Os que assim quiserem podem queimar o tecido, que serviu apenas como uma espécie de andaime para a construção destas páginas. Ficam os fatos. Memórias de uns e de outros, lembranças de homens políticos, de escritores, de pessoas diversas com que lidei e que eram muito mais interessantes do que eu.

Foi em Paris, em 1916, no período da grande guerra, que empreendi estas páginas. Tendo lido o volume de memórias escrito por um ex-repórter brasileiro, o livro me interessou muito. No entanto, era abominavelmente mal redigido. O autor não tinha relevo algum pessoal. De onde vinha o atrativo da obra? Dos que o autor conhecera. Ora, não me faltaram conhecimentos de pessoas que ocuparam e ocuparão por muito tempo a memória da gente da minha terra. — E decidi-me a esta tarefa.

Victor Hugo fala dos que vão solitários pelos campos e assobiam para fazer companhia a si mesmos. Haraucourt descreve em um soneto maravilhoso um Cristo, posto à margem de uma lagoa solitária, e diz que ele: *“comme pour être deux, se regarde dans l'eau”*.

Paris era então uma cidade triste. Nas noites em que eu passava sozinho, comecei a escrever estas memórias para que elas me fizessem companhia. “Como para ser dois”, mirei-me neste espelho de cousas velhas...

E escrevi muita coisa banal, muita coisa das que em geral não se contam em

memórias, porque precisamente o que procurei não foi fazer revelações solenes e sim apenas lembrar episódios da minha vida, convenientes ou inconvenientes, mas verdadeiros. A sua leitura é absolutamente proibida em conventos de freiras e recolhimentos de meninas... As pessoas pudicas a devem evitar.

Demais, aqui fica um aviso honesto: este livro é todo de uma futilidade desoladora. Quem o percorrer, percorre perfeitamente prevenido de que não há nas suas páginas nada de elevado. Não poderá, portanto, considerar-se iludido.

Se estas memórias algum dia forem publicadas, pode-se ter como certo que a muitos dos seus tópicos aparecerão contestações. É um fato natural e previsto. Os pontos contestados serão provavelmente os mais verdadeiros... É sempre assim: *“Il n’y a que la vérité qui blesse.”* Demais, se defunto vê o que se passa no mundo, eu não estranharei a leitura de algumas descomposturas. Tantas levei em vida, na nossa imprensa, em que discutir é sempre xingar, que o caso me parecerá natural. Era mesmo essa previsão o que me divertia um pouco, quando eu escrevia algumas das páginas seguintes.

Os críticos literários têm, desancando-as, uma tarefa muito fácil. Eles dirão que se devia esperar mais de um homem que, como eu, teve ocasião de ocupar cargos públicos importantes. Compararão, por exemplo, estas memórias aos trabalhos de Nabuco. E será esmagador!

Mas eu me deixo esmagar com tranquilidade!

Censurar-me-ão, por exemplo, que tendo vivido ao tempo da guerra de 1914 a 1918 e estado em Paris durante a maior parte desse tempo, não descrevesse as cousas interessantes que então vi.

Mas o que havia de interessante, eu escrevia em artigos para jornais. Era essa a minha ocupação profissional, de que nas páginas destas memórias procurei descansar. Nestas eu pus exatamente o que na minha vida se passava intimamente.

Ser-me-ia facilímo recozinhar os meus artigos e fazer uma história dos tempos em que eu vivi. Não foi, porém, para isso que tracei estas linhas. Foi para guardar lembrança dos casinhos sem importância de uma vida que também não a teve.

Viajei. Pisei quatro continentes. Por que não conto o que vi? Porque já o contei no meu livro *Por Alheias Terras*.

Nabuco fez o Brasil inteiro girar em torno dele e do pai. Eu não me dou tão alto valor.

Poderia talvez lembrar as iniciativas que tive como deputado e como Diretor de Instrução. Algumas foram pelo menos interessantes. Eu fiz votar a primeira lei sobre direitos autorais, a primeira lei sobre expulsão de estrangeiros, fui quem apresentou o primeiro projeto sobre acidentes do trabalho, propus a criação do Ministério da Instrução Pública, tive numerosas outras iniciativas. Mas o regime presidencial é uma miséria: o poder do Presidente absorve todos os outros. Por fim, me convenci que o melhor meio de fazer triunfar certas ideias era sugeri-las a amigos do Governo, que as apresentavam como suas e as faziam passar. Outras vezes, sempre se conseguia alguma coisa, enxertando-as como emendas, sub-repticiamente, nos orçamentos.

Mas tudo isso é mesquinho e pulha. Tira o entusiasmo aos mais entusiastas.

Na Instrução Pública, julgo também ter tido iniciativas fecundas. Nunca houve período administrativo de que a politicagem fosse mais banida do que o do meu tempo de serviço. Em certos pontos não cheguei mesmo a ser compreendido. Assim, o Laboratório de Psicologia Pedagógica que fundei no Pedagogium, em 1897, pareceu uma extravagância e foi logo após suprimido.

Mas enfim quaisquer que tenham sido todas as altas e transcendentais virtudes, de que eu me queira dotar, disso não tratam estas memórias, que escrevi para minha distração e não para meu louvor.

Assim, os críticos que me queiram esborrachar, evocando exemplos ilustres como o já citado de Nabuco, os de Chateaubriand e outros, podem facilmente estabelecer o paralelo entre aqueles magníficos trabalhos e estas futilíssimas memórias, em que nem ao menos as anedotas escolhidas têm mérito literário ou pretensão documental. Vieram ao correr da pena, evocadas, ou pelo que nelas havia de pitoresco, ou pelo que tinham para mim de divertido. E em todos os casos, com um infinito desdém pelas conveniências sociais...

Certo dia de setembro de 1921, eu as levei a um editor amigo, fechadas, lacradas, e perguntei-lhe se tomava o compromisso de publicá-las no primeiro dia do mês que se seguisse à entrada de meu sucessor na Academia.

— Mas contra quem são elas escritas? — perguntou-me ele, perversamente.

— Contra ninguém, em especial. Dos que aí falo, falei publicamente, com a minha responsabilidade.

— Mas está se sentindo em vésperas de morte?

— Em vésperas de morte está toda pessoa viva. Mas o caso não é esse. O que desejo é não dar a meus filhos a responsabilidade desta publicação. Tratando-a de antemão, tomo para mim só essa responsabilidade: o caso, quando eu morrer, já é um negócio feito e acabado.

— E se houver quem proteste contra este ou aquele texto e me intime a suprimi-lo?

A pessoa pode apenas intimar que se suprima o seu nome. Não pode impedir que se conte o mesmo episódio de outrem. Assim, quando aparecer o primeiro protestante, V. lhe substitui o nome por Alfa, o segundo por Beta, o terceiro por Gama... E passe assim todo o alfabeto grego. Creio que não chegará ao ômega. Aliás isso será para os reclamantes um procedimento bem pouco inteligente. Há na história literária vários episódios desse gênero. As reclamações servem sempre, em casos tais, para chamar a atenção sobre o fato que elas querem encobrir.

Meu editor hesitou. Pediu-me para ler uma parte da obra; mas eu lhe recusei. Por fim, num gesto de desespero, acabou garantindo-me — e garantindo-me em latim: "*Alea jacta est!*" — que faria o meu desejo, de que me dava plena responsabilidade.

Mas um defunto, que deve estar, quando tu leres isto, leitor amigo ou inimigo, em pleno inferno, com 100.000 graus de calor à sombra (se é que no inferno há sombra), faz lá caso de responsabilidades...

Se meu editor, ainda, como é bem de crer, for vivo e quiser cumprir a promessa que me fez, tanto melhor.

Só o que eu não desejo, de modo algum, é qualquer supressão, qualquer truncamento. Deixem-me ser integralmente ruim, como fui.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

* * *

POST-SCRIPTUM (publicado nos dois volumes de *Minha Vida* hoje reunidos num único volume) — Havia Já onze anos que o prefácio acima estava escrito, quando eu dei a ler estas memórias a dois amigos.

Ambos me ponderaram o inconveniente de algumas de suas passagens e principalmente do seu último capítulo, que me aconselharam a suprimir.

Não concordei com isso. Objetaram-me, porém, que a publicação podia ter inconvenientes para meus filhos e netos.

—Acho que isso seria profundamente injusto e estúpido.

—*Que responsabilidade se poderia estender a pessoas que nem ao menos tinham nascido, quando os fatos narrados ocorreram?*

—Há uma cousa a frisar sobre o último capítulo deste livro. Os casos de amor aí contados se passaram ou fora de minha casa ou quando, no estrangeiro, tendo minha família vindo para o Brasil, eu fiquei sozinho no apartamento em que até então habitava com ela.

—Como, porém, as cousas injustas e estúpidas são as que acontecem mais facilmente, deliberei pedir que esta parte das memórias só fosse publicada em 1942.

—Já eu terei morrido há muito tempo!

—Disseram-me que o capítulo dos amores parecerá ter sido inspirado em Casanova, com o intuito de imitá-lo.

—O que ele parecerá, pouco me importa. O essencial é que só tem narrações verdadeiras.

—Já ele estava escrito havia quinze anos, quando eu li as *Memórias* de Casanova. Fiz isso em 1930, quando o Governo Getúlio Vargas, apiedado da minha imensa ignorância, obrigou-me a asilar-me na Legação do Peru, para afinal com esse longo ócio forçado achar tempo a fim de ingerir os oito grossos volumes das *Memórias* de Casanova.

—Cláudio de Sousa mos tinha indicado dois meses antes em Paris.

—Só se acha no censurado capítulo, que adiante fará corar os leitores pudicos (se os há), um caso posterior à leitura que fiz das *Memórias* de Casanova. Mas o caso ocorreu. Que posso eu fazer contra isso?

—Talvez mesmo, daqui a dez anos, já ninguém se lembre mais que eu existi... *Les morts vont si vite!*...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Dezembro de 1932.

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 - Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação – vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa – tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário grupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria,

para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.